

# BOLETIM

Ano 2. Nº 10. Maio de 2020. **Assum Preto.**



Associação de  
Pós-Graduandos da  
Universidade Federal  
de Santa Catarina



Associação de  
Pós-Graduandos da  
Universidade Federal  
de Santa Catarina

Colaboraram nesta edição:

Hiago Mendes (PPGFil/UFSC)

Paulo Ramon (PPGT/UEDESC)

Peterson Silva (PPGSP/UFSC)

Karine Rossi (PPGFil/UFSC)

Felipe Lima (PPGECT/UFSC)

## Sumário

Editorial. p. 3

Seção Coronavírus. p. 5

Verba volant, scripta manent. p. 11

Seção Aberta. p. 15

Associação de Pós-Graduandos e Pós-Graduandas da  
Universidade Federal de Santa Catarina

Gestão Assum Preto. 2019-2020.

Centro de Convivência—Campus Trindade—  
Florianópolis—Santa Catarina—Brasil.

## Editorial—Conversas de corredor

*Na geléia geral brasileira que o Jornal do Brasil anuncia  
Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi  
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi  
(Torquato Neto. Geléia Geral)*

No último mês de maio observamos o que talvez seja o maior destaque de mídia que a UFSC recebe desde a famigerada Operação Ouvidos Mucos, que custou a vida do então reitor Cancellier. O tema atual: a volta às aulas em meio a pandemia de COVID-19. A atenção de grandes portais de notícias de Santa Catarina mirou as lentes no que entendem por problemas na demora em retomar as atividades. Supostamente dando voz a setores organizados e bem intencionados da sociedade, os veículos de mídia passaram a denunciar o suposto atraso e descaso envolvido na postergação do retorno. Segundo as manchetes, temos casos de prejuízos para o comércio local, para estudantes que podem perder o ano letivo, além de grupos que tentam tirar proveito político da situação. A APG/UFSC já se manifestou em nota sobre esse assunto, onde podem ser encontradas informações mais detalhadas.

A novidade, em destaque aqui, é o papel que a pós-graduação encontra neste cenário. No mês de maio, sob firme oposição da representação discente da pós-graduação, a Câmara de Pós-Graduação aprovou uma minuta que autorizava a implementação do ensino remoto emergencial para a pós em todos os programas. O assunto virou tema de discussão acalorada no Conselho Universitário, onde o Magnífico Reitor Ubaldo

deu sua palavra de que o assunto apenas seria definitivamente resolvido após a discussão do tema nos comitês estabelecidos para o enfrentamento da crise na UFSC. Com isso, conseguiu aplacar os ânimos em uma sessão tumultuada no CUn, não obstante a representação discente no Conselho tenha apresentado recurso sobre a minuta, para garantir que o assunto fosse, de fato, debatido naquele espaço de maneira oportuna.

Esse não foi o fim ou solução momentânea do caso, como era esperado. Após estes momentos, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFSC, divulgou em seu site a minuta, assinada digitalmente pela Pró-Reitora Cristiane Derani, com comunicação aos PPG's para que tomassem providências sobre o assunto. O que foi, em verdade, mais um passo entre os vários que a PROPG/UFSC tem dado ao tomar o ensino remoto emergencial como dado - para além da condução atropelada do tema na CPG, já citada, temos comunicação prévia aos programas solicitando listas de disciplinas a serem ofertadas no modelo remoto quando da retomada do semestre. O clima de já passou, em relação ao ensino remoto na pós, fez com que dezenas de programas estejam a todo vapor, tentando tirar providências, soluções e respostas das cabeças de dezenas de comitês e comissões designados para pensar a questão. O resultado disso podemos perceber em cada um de nossos programas, caos e desinformação total. A retirada de circulação da minuta - após forte reação de membros do CUn -, notificada pelo sub-chefe Juarez aos programas, teve o efeito de um sopro, diante do incêndio causado pela falta de liderança dos órgãos da Administração Central, neste caso a PROPG/UFSC.



@malvados

Não surpreende que este documento, assim como a pós-graduação, estejam ao centro de algumas das peças sensacionalistas e mentirosas divulgadas pela mídia. O que surpreende mesmo é ver a pressa despendida para lidar com este assunto nos corredores da Universidade. Observamos grupos de professores organizados, defensores de carteirinha e de longa data do EaD, realizando lobby para o convencimento e aceitação entre seus pares e adjacências do novo normal. Uma confusão nada inocente, da defesa política de implementação de um modelo de ensino, com graves efeitos para a vida de milhares de pessoas, a partir de uma situação de emergência causada pela pandemia, que já ceifou mais de quarenta mil vidas no Brasil. O eco de suas vozes pode ser ouvido entre servidores encarregados da administração dos órgãos da universidade, interessados na modernização e em uma UFSC vanguarda do

atraso nacional.

O mais interessante em todo este imbróglio são os meios utilizados para alcançar o resultado. A julgar pelas conversas de corredores e natureza artificiosa que tem marcado a ação dos grupos interessados no EaD, um observador desatento poderia imaginar que estamos dispostas a tudo para evitar alguma forma de ensino remoto. Muito pelo contrário, não temos vergonha em admitir nossas dificuldades, em consultar nossa base e dizer que não sabemos ao certo o que fazer para atravessar esse caminho. Mas temos certeza de que não defendemos um projeto de sucateamento da universidade pública, tampouco a acentuação da precariedade da educação em nosso país. Também não nos valem os momentos de dor e sofrimento para dar um empurrãozinho em nossas agendas. Para as conversas de corredor, nunca fomos chamadas.

**SEÇÃO**  
**CORONAVÍRUS**  
**(COVID-19)**

**Caso Miguel: morte de menino no Recife mostra 'como supremacia branca funciona no Brasil, diz historiadora. Reportagem de Camilla Costa, para a BBC News Brasil, com entrevista (em destaque) da Professora Luciana da Cruz Brito (UFRB).**

**BBC News Brasil - O que a morte de Miguel Otávio revela, em sua opinião, sobre o racismo no Brasil?**

**Luciana Brito** - É trágico que uma criança tenha que morrer para mostrar isso, mas é assim que a ideia de supremacia branca funciona no Brasil. Eis a principal diferença entre a questão racial aqui e nos Estados Unidos.

Nem posso dizer que não temos aqueles supremacistas brancos clássicos, porque agora vemos aqui passeatas inspiradas na Ku Klux Klan, por exemplo.

Nós tivemos teses racialistas no Brasil, no início do século 20, dizendo que brancos seriam superiores a negros. Mas depois de um certo momento, essa ideia começou a se enraizar nos costumes.

Enquanto a ideia de supremacia branca nos Estados Unidos se transformava em leis, nos anos 1940, 1950 e 1960, aqui ela já estava profundamente nos costumes da população brasileira. Esta é a nossa supremacia branca.

Mesmo que não tenhamos tido as mesmas leis segregacionistas que os EUA, temos o mesmo princípio de que algumas pessoas são mais humanas e mais cidadãs do que outras.

**BBC News Brasil - Que elementos do caso, na sua opinião, o tornam tão emblemático desse princípio?**

**Luciana Brito** - Desde o início da pandemia estamos falando das trabalhadoras domésticas. Elas foram as primeiras a ser infectadas sem sair do país. Foram as primeiras a aparecer no fundo das *lives (transmissões ao vivo) das celebridades*. *Então essa mulher, Mirtes Renata, a mãe de Miguel, foi infectada, não tinha onde deixar o filho e o levou para o local de trabalho, que era um local de infecção — já que os patrões dela estavam infectados. Esse é o primeiro ponto.*

Depois temos a cena da patroa em casa rodeada de serviçais. Eu chamo isso de "delírios escravistas coloniais da sociedade brasileira". É o saudosismo do Brasil

escravocrata colonial. É o sentimento que faz uma pessoa se rodear de serviçais num contexto de pandemia e de isolamento social. Ainda que esses serviçais, a doméstica, a manicure e o menino, estivessem correndo risco de vida.

Também há o fato de que a mãe da criança teve que sair para levar o cachorro para defecar, coisa que qualquer pessoa poderia fazer, inclusive a dona do cachorro. Ela não abre mão de fazer as unhas para que o cachorro vá defecar. O cachorro tem um pouco da extensão da humanidade da dona. Ele tem uma atenção mais qualificada, que é a da trabalhadora doméstica.

O menino fica (em casa). Ele incomoda a patroa porque chora pela mãe, e ela o deixa no elevador sozinho. Eu vi a cena do elevador (no vídeo das câmeras de segurança exibido pela Polícia Civil). A forma como a patroa se dirige ao menino de 5 anos é como se estivesse falando a um adulto impertinente.

Se a gente quer falar nos Estados Unidos, isso me lembrou **Tamir Rice**, que morreu em 2014. Ele estava em um parque brincando com uma arma de brinquedo, uma pessoa viu da janela e ligou para a polícia. Disse para a polícia que ele aparentava ter 20 anos. Ele tinha 12. O carro da polícia chegou e ainda estava em movimento quando o policial atirou e matou Tamir. Crianças negras, especialmente meninos, não têm infância.

A patroa de Mirtes fala com um menino de 5 anos sem cuidado. Essa é a idade do meu filho. Ele não fica em momento algum fora de nossas vistas. Meu filho nunca andou sozinho no elevador do meu prédio, nem nos meus momentos de maior cansaço e preguiça.

A mulher bota o menino no elevador, aperta o botão, como dá para ver no vídeo, e aparentemente volta e continua a fazer as unhas. Não conseguimos ter uma ideia exata de tempo pela entrevista da mãe na imprensa, mas entendi que quando a mãe volta do passeio com o cachorro, ela fica sabendo pelo zelador que alguém caiu, e descobre o filho morto no chão.

Ou seja, a patroa colocou o menino no elevador e sequer ficou vigiando pra saber se ele tinha voltado ou não. Ela não sabia que ele tinha caído. Isso revela um desprezo por um ser humano. E é aí que eu vejo uma noção de supremacia branca. Não precisa vestir roupa da Ku Klux Klan.

**BBC News Brasil - O Brasil parece ter herdado a comoção com a morte de George Floyd e os protestos antirracismo ocorrendo nos Estados**

**Unidos na última semana. E houve quem dissesse que as mortes de pessoas negras em ações policiais aqui, como o caso recente de João Pedro, de 14 anos, não são alvo de protestos tão eloquentes. Por outro lado, muitos ativistas do movimento negro apontaram que manifestações acontecem, sim, especialmente nas comunidades mais atingidas pela violência policial. Por que esses protestos nacionais parecem menos visíveis?**

**Luciana Brito** - Um exemplo disso acabou de acontecer. Eu estava vendo o jornal local e soube que ocorreu um ato por conta de uma ação policial no Bairro da Paz, em Salvador (Nota da redação: Dois jovens negros foram mortos em tiroteio). A comunidade fechou a Av. Paralela, tocou fogo em pneus e em um ônibus. Nós, as pessoas negras que são militantes, não fomos para lá. Não recebi nenhum informe sobre mobilização. E o comandante da polícia disse no jornal que aquelas eram pessoas influenciadas por traficantes de drogas, que mandaram que elas se manifestassem.

Quando ele diz isso, está fazendo duas coisas: primeiro ele conta com esse mito de que as leis não têm corte racial, de que as ações policiais em que morrem negros são casos isolados — embora só negros morram dessa forma. E em segundo lugar, ele também desacredita a capacidade de articulação política daquelas comunidades.

A gente vê que nos Estados Unidos os policiais não negam em momento algum que há uma demanda política nos protestos. Eles podem até discordar, mas sabem que é um movimento político e que há uma questão para ser discutida.

Não temos uma polícia — nas Américas de um modo geral — que respeite as pessoas negras, nem mesmo a sua capacidade política de se organizar para expressar sua revolta através de uma manifestação, por menor que seja.

No Brasil não temos uma imprensa que nos apoie, que esteja realmente comprometida com a luta antirracista. Isso já vemos com mais frequência nos Estados Unidos.

Também não há uma compreensão de toda a população negra brasileira de que aquilo ali poderia acontecer com qualquer pessoa da nossa família, ou com nós mesmos, também por uma cobertura jornalística desses eventos que criminaliza aquelas pessoas.

Temos programas jornalísticos

sensacionalistas que mostram todos os dias jovens negros sendo presos, com apresentadores dizendo: "são marginais, é isso mesmo". Não há um olhar mais sofisticado de todo o jornalismo sobre a maneira como são feitas essas prisões ou chacinas.

E nós também não temos um apoio da comunidade branca que se envolva naquilo como se fosse problema dela. E não falo dos brancos conservadores, porque já sabemos qual é a deles. Falo dentro do próprio coletivo que é de esquerda, que tem um olhar humanitário sobre a sociedade, mas que diz "aquilo ali é problema do pessoal do movimento negro, eu não vou lá".

E tudo isso está ligado, é claro, à nossa história racial.

### **BBC News Brasil - De que maneira?**

**Luciana Brito** - A polícia é violenta, tanto lá nos EUA quanto aqui. Mas nos Estados Unidos — e eu atribuo isso ao movimento pelos direitos civis, nos anos 1960 — as lideranças negras conseguiram promover uma educação racial nas comunidades negra e branca muito cedo. Isso porque lá o racismo era uma política de Estado escancarada.

Depois da abolição da escravidão, houve um período chamado de reconstrução nacional, quando se incentivou que negros fossem para a escola, se candidatassem a cargos públicos, houve fiscalização para que as pessoas não fossem escravizadas.

Mas chegou um momento em que cada cidade e Estado sulista começou a implantar suas próprias leis segregacionistas, que é o que conhecemos como as Leis de Jim Crow. O governo federal fez vistas grossas enquanto os Estados do sul passaram a promover o que eu chamo de terrorismo às populações negras no sul. Linchamento, enforcamentos, cenas que hoje conhecemos de fotografias e de filmes, que mostram churrascos de gente.

### **BBC News Brasil - E no Brasil?**

**Luciana Brito** - Depois que os EUA aprovaram a abolição, em 1865, os jornais de lá passaram a cobrir quase que diariamente a situação no Brasil, que tinha recebido muito mais negros traficados. Eram 400 mil nos Estados Unidos e quase cinco milhões aqui. Chamava atenção que o Brasil conseguisse arrastar a escravidão por tanto tempo.

Mas os diplomatas e políticos brasileiros se justificavam dizendo que aqui a escravidão era branda, que não havia conflito de cor. Outra justificativa comum era: "vamos chegar na

abolição, mas estamos fazendo isso de maneira pacífica, porque aqui não tem guerra".

O Brasil acabou com a escravidão e entrou no pós-abolição com esse mito de "não temos conflito racial como nos Estados Unidos". E outros mitos como "o negro aqui não trabalha, é preguiçoso". Aí foram criminalizadas as atividades negras pela lei da vadiagem, do Código Penal de 1890. Não tinha nada lá falando sobre negro, mas a capoeira era crime, o candomblé era crime. Ficar na rua, algo comum para as pessoas negras libertas que não tinham emprego ou tinham empregos informais, era crime.

Então, depois da abolição, o Brasil não criou leis claramente segregacionistas, mas encontrou formas igualmente perversas de lidar com a população negra, que transformaram o racismo em algo não dito.

A educação para sobreviver numa sociedade racista a partir do não dito deixou mais difícil para pessoas negras se organizarem em torno de um inimigo visível.

Raramente uma pessoa negra no Brasil tentou entrar num restaurante e ouviu "preto não entra aqui". Nós sabemos, e vivenciamos isso, que aqui você ouve "as mesas estão todas ocupadas". Você entra em uma loja e não é expulso, mas a vendedora lhe ignora. Quem não lhe ignora é o segurança.

Nós não tivemos uma formação, desde a infância, na qual somos treinadas e treinados para perceber o racismo no momento em que ele está acontecendo, sem ser nomeado.

Isso faz com que vejamos coisas como o avô de Ágatha (Félix, de 8 anos, morta por tiros de fuzil de um policial militar em 2019) dizendo a jornalistas na porta do IML (Instituto Médico Legal): "Ela fazia inglês, ela fazia balé, ela era boa aluna".

Porque ele acredita que a família fez tudo certo. Nesse pacto civilizatório brasileiro, nessa ideia da família de bem, é preciso dizer "ela não merecia", como se fosse uma questão de merecimento.

Somos treinados, inclusive as pessoas negras, para que, quando vemos corpos negros na televisão sendo arrastados pela delegacia ou as chacinas nas comunidades, pensemos: "ali era marginal, e marginal tem que morrer".

O Brasil foi resolvendo seu problema racial assim: com muita força policial, muita repressão e sem falar abertamente do conflito. E construímos uma identidade nacional como uma democracia racial pacífica, acreditando que o problema racial é um problema do outro.

O nosso olhar, sobretudo o da grande imprensa, sobre o conflito nos EUA, continua

sendo esse: "Olha que absurdo o policial branco que matou o negro". Mas dizendo subliminarmente, pelo silêncio, que no Brasil não tem isso.

**BBC News Brasil - Mas ao mesmo tempo em que falamos do racismo estrutural nos EUA como um dos fatores que provocaram a onda de protestos, no Brasil, estudos mostram que 75 a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil são negras, inclusive em intervenções policiais. Estatisticamente, negros também têm menos escolaridade, menor renda e menos acesso à saúde, assim como lá. É possível dizer, mesmo subliminarmente, que "no Brasil não tem isso"?**

**Luciana Brito** - É cada vez mais difícil sustentar esse discurso.

Mas sempre tem alguém que usa um argumento do tipo: "Lá nos Estados Unidos o policial que matou o homem negro foi branco, mas aqui no Brasil não há essa dicotomia, porque os policiais também são negros".

Esse é o nó que o mito da democracia racial dá nas nossas cabeças.

Eu vi um vídeo de um policial branco nos EUA atacando uma jovem negra. A superior do policial, também uma mulher negra, interrompe a ação dele, o empurra violentamente para longe da menina e o repreende na frente dos colegas.

No Brasil, essa mulher ou esse homem negro, quando veste a farda, é capaz de abater uma pessoa negra, e é racismo mesmo assim. Porque, aqui, o policial negro é treinado pelo Estado para achar que todas as pessoas que se parecem com ele são criminosas. Quando está de farda, ele perde a identidade racial. Ganha uma espécie de selo de qualidade. Vira o "negro de bem".

O racismo no Brasil é mais ardiloso. A população negra é maioria, mas é confundida como um inimigo que faz parte da sua vida, mas que não é declarado.

Por exemplo, não são todas as famílias negras que se identificam com a dor da família de Ágatha ou de João Pedro. Ou mesmo de Miguel. Elas pensam: "Poxa, que má sorte aquela criança estar ali".

Aí vêm os argumentos: "Ah, mas estava ali fazendo o quê?" ou "Ah, foi um acidente". Todos esses "poréns" solapam uma realidade que grita, que é o fato de que essas pessoas estão sendo abatidas por serem negras, por serem consideradas menos cidadãs. Menos seres humanos.

As pessoas no Brasil até aceitam dizer: "É porque era pobre". Parece que é mais aceitável atribuir determinadas desigualdades à pobreza do que ao racismo.

### **BBC News Brasil - Como a classe influencia a percepção sobre o racismo no Brasil?**

**Luciana Brito** - É interessante pensar que os ganhos que a população negra teve, fruto de conquistas do movimento negro, como a Lei de Cotas Raciais e a PEC das Trabalhadoras Domésticas, mexeram nas estruturas da sociedade brasileira e criaram uma reação violenta. E foram leis que se relacionam muito à formação de uma classe média negra no Brasil.

As trabalhadoras domésticas passaram a ter direitos trabalhistas, os filhos de muitas entraram nas universidades, ou elas mesmas encontraram outras possibilidades de emprego — eu tenho hoje colegas que foram trabalhadoras domésticas. E aumentaram as possibilidades para a juventude negra através da educação universitária.

Essa possibilidade de que negros pudessem transitar, em maior quantidade, pra outra classe social, incomodou muito as estruturas do racismo brasileiro. Porque a diferença de classe social no Brasil se estrutura na raça.

Só que para uma pessoa negra — e aí falo da minha própria experiência e dos meus amigos — transitar para a classe média significa apenas que você acessa os bens de consumo da classe média. Você mora legal, tem carro bacana, seu filho vai para escola particular, mas você continua emaranhado no racismo estrutural.

Quando entro em uma loja de creme de cabelo, o segurança ainda me segue. Quando eu vejo uma criança como Ágatha ou João Pedro serem alvejados, isso me afeta diretamente, porque tenho uma criança com aquelas características. Eu tenho medo de meu marido dar um passeio na rua à noite sozinho.

Além disso, o restante da minha família não é classe média. Eu sou a única. É por isso que dizemos que não há saída individual para sair desse racismo, embora muitas pessoas negras acreditem que isso é possível.



@malvados

## Novidades no Observatório Geográfico sobre Covid-19 e suas repercussões socioespaciais

Na última edição do Boletim reportamos o trabalho realizado pelas pesquisadoras do LabCit-UFSC e do Gedri. De lá para cá surgiram novidades no site do projeto. Agora está também disponível o [Raio-X da COVID-19 em Santa Catarina](#), plataforma desenvolvida por membros do LabCit/Gedri em parceria com o Grupo de Pesquisa Patrimônio Natural, Geoconservação e Gestão da Água (PANGEA), da Universidade Federal de Santa Maria. Nele é possível acessar um [mapa interativo](#), com informações precisas dos municípios catarinenses.

## Especial: Brasil no mundo. Pandemic edition.

[The Telegraph. Jair Bolsonaro: the man who broke Brazil.](#)

[Newsweek. Brazil Coronavirus Cases Quadruple in May as Jair Bolsonaro Plays Down U.S. Travel Restrictions.](#)

[The New York Times. U.S. Bans Flights From Brazil, Where Pandemic Is Raging.](#)

[BBC News. Coronavirus: US suspends travel from Brazil for foreigners.](#)

[Reuters. Bolsonaro joins protesters as Brazil political scandal heats up amid pandemic.](#)

[Business Insider. Brazil's indigenous people could face a 'genocide' as their coronavirus death rate soars even higher than the rest of the hard-hit country.](#)

## Em tempo

[Todo mundo sabe que o racismo existe no Brasil, mas ninguém se acha racista, diz Djamila Ribeiro](#) Djamila Ribeiro, entrevista para BBC/Brasil.

[UERJ. Pandemia reduz submissões de artigos](#)

[acadêmicos assinados por mulheres - Dados.](#)

[UOL. Por coronavírus, Senado aprova adiamento do Enem e de vestibulares.](#)

[CBN. UFMG só volta com aulas presenciais quando surgir vacina contra Covid-19, diz reitora.](#)

[Repórter Popular. Manifestação denuncia o racismo e o genocídio nas comunidades.](#)

[Repórter Popular. Protesto pede testes para a covid, fim do genocídio negro e fora Bolsonaro.](#)

**Podcasts:** Destacamos nesta edição uma prata da casa, o podcast **Rinite Cósmica**, produzido por compas da UFSC, com material de primeira sobre diversos temas, em especial a série Quarentena Cósmica, atualmente com dezessete episódios abordando diversos assuntos relacionados a pandemia. **Xadrez Verbal - Especial Coronavírus co Atila Iamarino:** #8 Estudo de caso sobre o Vietnã; #9 Estudo de caso sobre a Rússia; #10 Estudo de caso sobre Taiwan; #11 Estudo de caso sobre os EUA. **Folha na Sala:** Como as escolas públicas estão ensinando em meio à pandemia?; Podcast conta como foi a volta às aulas, a distância, em São Paulo; Podcast dá dicas para professor organizar home office e dormir melhor; Podcast discute como o Enem na data normal prejudicaria alunos da escola pública; Como será a escola agora? Fomos ver isso na França, Coreia do Sul e mais três países. **Justificando:** # 51 - Pandemia, Sociedade Sem Lei e Pós-Democracia; # 52 - O colapso do Sistema Prisional durante a pandemia; #53 - Especial Pedro Serrano sobre Política, Pandemia e Vidas Iguais; #55 - Como estão sobrevivendo as pessoas em situação de rua. **Rádio Piauí: A terra é redonda: coroa de espinhos; Maria vai com as outras.** Maria na Quarentena: ouvimos as ouvintes; **Luz no fim da quarentena:** # Quarentena vaivém, #11 Contaminação furtiva, #12 Máscara da discórdia, #13 Máscara, vírus e camisinha, #14 Melhor vacina é não parar por ela, #15 Longe da imunidade de rebanho #16 Sem chance para errar, # 17 Boas novas para os primatas, #18 Há quem não pegue o coronavírus?

# **Verba volant, scripta manent**

Esta é a nova seção do Boletim, destinada para contribuições autorais dos nossos talentos literários/poéticos/artísticos. Tem alguma coisa que queria ver publicada aqui com a gente? Entre em contato com a APG/UFSC que conversamos. Para abrir os trabalhos desta nova seção, temos um apócrifo maravilhoso. Divirtam-se.

# Queda de meteorito em campus universitário deixa 126 mortos

EDAI não funcionava desde janeiro por falta de recursos; centenas seguem em estado grave.

**Por G1** – Florianópolis  
32/05/2020 4h20 – Atualizado há 13 minutos

Um meteorito caiu na madrugada desta segunda-feira sobre o Campus Reitor João David Ferreira Lima, sede da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis (SC), deixando **ao menos 126 mortos** e uma área destruída de cerca de 1 quilômetro de diâmetro. O Corpo de Bombeiros e a Defesa Civil foram acionadas para coordenar ações de resgate, e **o prefeito Gean Loureiro (DEM) solicitou apoio** de equipes de cidades vizinhas. O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, **sinalizou que o Congresso deve decretar luto oficial** nos próximos dias.

Segundo a astrofísica da NASA Duília de Mello, consultada pelo **G1**, o meteorito provavelmente se despreendeu do asteroide (30114) 2019 JB17 ao se aproximar da Terra. A equipe que publicou a descoberta do asteroide em 2019, incluindo cientistas brasileiros, **avisou que ele estaria voltado para a América do Sul** no ponto de sua trajetória mais próximo à Terra, porém que uma colisão não era provável. A União Astronômica Internacional **atualmente estuda a proposta** de nomeá-lo “Anhangá”.

## “Eu nunca achava que ia ver isso”

O meteorito caiu sobre a Praça da Cidadania, no centro do campus sede da UFSC, perto da meia-noite. Locais como as duas sedes da Reitoria, o Restaurante Universitário, o Colégio de Aplicação, a Biblioteca Universitária e o Hospital Universitário, bem como a maioria dos centros de ensino, foram completamente destruídos com o impacto.

### **Veja galeria de fotos do campus após a queda**

A destruição alcançou também construções comerciais e residenciais no entorno do campus. O shopping Iguatemi **afirmou em nota** que engenheiros se dirigem ao local para certificar que a estrutura não foi comprometida e garantir a abertura no horário regular. O governador do estado de Santa Catarina, Carlos Moisés (PSL), **anunciou um contrato emergencial com a empresa RMG** para averiguar se houve danos à Ponte Hercílio Luz, **recém reaberta após 28 anos de interdição**.

Fotos e vídeos circularam pelas redes sociais logo após o desastre, e **voluntários se organizaram** para dar início às buscas por sobreviventes entre os escombros. “Eu nunca achava que ia ver isso na minha vida”, diz João da Costa, enxugando suor e lágrimas em frente a destroços no que aparenta ser a Praça Santos Dumont, ao lado do campus, em **vídeo que viralizou** nas redes sociais.

A empresa de vigilância patrimonial Khronos **afirmou em nota** que pretende contratar mais colaboradores para acelerar as buscas, além de buscar o contato com quem estava no local na hora do incidente. No entanto, Charles Vieira, Comandante-Geral do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina, **alerta para os riscos de atuar sem proteção adequada**. “Ali dentro havia laboratórios com todo tipo de material químico, as pessoas não podem se expor dessa forma, há que se proceder com muita cautela”, afirmou.

## Queda não gerou aviso

Para Duília de Mello, embora a queda do meteorito fosse inevitável a partir do desprendimento do asteroide original, vidas poderiam ter sido salvas com a detecção rápida do evento.

“Asteroides desse tamanho passam perto da Terra o tempo todo, mas quando dizemos perto queremos dizer milhares de quilômetros. Neste caso a Terra estava muito próxima, mas ainda fora da margem de erro. Ele foi descoberto muito recentemente estando já muito perto, mas era preciso estudá-lo melhor, e acreditamos que se alguém estivesse atento, poderia ter ocorrido um aviso à população, uma evacuação mesmo”.

## **Focos de incêndio podem se alastrar; acompanhe a cobertura ao vivo da Globo News**

Para de Mello, parte do problema está na falta de verbas para a Equipe de Detecções de Asteroides e Irregularidades (EDAI). Criada em 2019 no âmbito do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) como equipe de resposta a possíveis incidentes aerospaciais, ela chegou a ser criticada pelo presidente Jair Bolsonaro (Sem partido).

“Aí você tem gente que se deixa levar por esses cientistas aí, tá certo, que ficam espalhando pânico, que vai cair um meteoro aqui no Brasil. Gastar dinheiro público com uma fantasia dessas não dá, tudo tem limite”, afirmou o presidente em uma transmissão ao vivo por uma rede social. “Quando que caiu meteoro no Brasil? Meteoro mata quantas pessoas por ano no Brasil? Isso aí eles que estão lá na China que gastem, tá ok, eles querem que a gente gaste aqui com bobagem porque não é o dinheiro deles, aí é fácil. Já falei que vamos ter que rever isso aí com o [Ministro Marcos] Pontes e tá acabado”, complementou.

Em janeiro deste ano, o MCTIC remanejou parte da verba do projeto para outras atividades da pasta, e em fevereiro pesquisadores alertavam que o sistema estava praticamente inoperante.

“Teve pós-graduando que ia receber bolsa por esse projeto e a gente já estava tudo certo pra assinar, tinha até se mudado pra cá e tudo, e agora não vai mais ter. O que que a gente diz pra essa pessoa?”, informou na época uma fonte anônima ao G1. À época, o ministro Marcos Pontes afirmou estar buscando o diálogo com o Congresso Nacional e o ministro da Economia, Paulo Guedes, para solucionar o caso.

## **Retorno às aulas**

Horas após a queda do corpo celeste, a UFSC começou a planejar o retorno às aulas. Em documento que apresenta “Premissas e propostas para a retomada de atividades”, está prevista a utilização alternada, a cada terço dos cursos de graduação, de espaços como o Centro de Ciências Agrárias, não atingido pelo meteorito por se localizar fora do campus sede, e os campi de outras cidades. Outra possibilidade seria o diálogo com a prefeitura para a retomada do transporte coletivo para a região, adaptando os ônibus para o tráfego sobre os detritos do local do impacto, de modo a reutilizar algumas estruturas que não foram completamente destruídas, como o Centro de Ciências Físicas e Matemáticas.

Minutos depois, o Chefe de Gabinete da Reitoria da UFSC, Áureo de Moraes, esclareceu que o plano não estava decidido, e sinalizou que qualquer retorno demandaria maior planejamento. “Óbvio que não dá para os estudantes de Florianópolis ter aulas em Curitiba ou Blumenau de três em três semanas, isso é claramente descabido, é loucura”, comentou ao **G1** um membro da administração central, em condição de anonimidade. “A única coisa que se pode fazer agora, em respeito a toda essa tragédia, eu acho que, enfim, há um consenso aqui da maioria, é seguir com a normalidade à distância mesmo, quer dizer, certamente uma nova normalidade”.

Em nota, a Associação Empresarial da Região Metropolitana de Florianópolis (AEMFLO) e a Câmara de Dirigentes Lojistas de Florianópolis (CDL) se posicionaram a favor da retomada do ensino por meio de tecnologias de informação. Para o presidente da CDL, Ernesto Caponi, “a engrenagem não pode parar de forma definitiva. Temos que nos adaptar, já estamos no século XXI. Não podemos perder o trem da história”. Roberto Pacheco, docente da UFSC especializado

em educação à distância, avalia que **a adoção do sistema é necessária para atravessar tempos emergenciais**. “O que estamos propondo não é que as pessoas continuem a ter aulas do jeito que for, quem quiser, será voluntário, sim, mas não estamos propondo educação à distância e muito menos a transformação digital da educação, somente o ensino remoto, que não é à distância, isso faz certamente toda a diferença”.

**Quando a influência dos astros é direta: astrólogos comentam queda de meteorito**

**Celebridades comemoram retorno às aulas na UFSC: “Estamos voltando à normalidade graças a Deus”**

**SAIBA TUDO SOBRE A QUEDA DO METEORITO EM SANTA CATARINA**

## Autoridades comentam

Em nota, a deputada estadual Ana Campagnolo (PSL) **lamentou o desastre**, culpando a “doutrinação esquerdista” em universidades federais pela não-detecção do corpo celeste. “Se estivessem estudando astronomia em vez de fumar maconha saberiam que isso estava para acontecer”, escreveu. O deputado estadual Bruno Souza (NOVO) também se manifestou em suas redes sociais, sugerindo ao governo federal que **demitisse os servidores técnicos e docentes** que não sejam indispensáveis para o ensino remoto. “Se o campus for um dia reconstruído, aí quem sabe eles poderão ser um dia recontratados, de uma forma inclusive menos onerosa aos cofres públicos, com contratos temporários. Poderíamos até terceirizar essa demanda, pois certamente traria economia”, publicou.

Segundo **relatos ao Blog do Camarotti**, o Palácio do Planalto deve convocar uma coletiva de imprensa para falar sobre o caso ainda nesta tarde. No entanto, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, já se pronunciou sobre o caso nas redes sociais. A uma pergunta sobre possíveis fontes de financiamento para a reconstrução da UFSC, **o perfil do ministro respondeu**: “o que precisa ser reconstruído é o rabo da sua mãe que eu arrombei ontem kkkkkkk”, **adicionando em sequência**, “Através do Future-se podemos alugar o terreno e pagar pelo ensino à distância, já estamos em parceria com a Laureate para implementar a educação do futuro – iniciativa privada é a resposta!”.

O vereador do Rio de Janeiro e filho do presidente, Carlos Bolsonaro (Republicanos), **publicou em uma rede social**: “População, respeitosamente, acordemos! O complô e insistência em meteoros é óbvio para atrapalhar o desenvolvimento de nosso país! Mesmo que muitos não queiram, vamos lutar para que estes mesmos que lutam para sejamos pequenos possam ser grandes!”. Ele também retuitou mensagens com conteúdos a favor de Jair Bolsonaro, ainda que estas fossem respostas a tuítes sobre a queda do meteorito que não envolviam discursos políticos. Os perfis pareciam **reagir automaticamente nas redes ao nome provisório do asteroide** por este incluir o termo “JB17”.

Embora não tenha se pronunciado oficialmente, **circula pelas redes sociais** um suposto áudio enviado pelo ministro da Economia Paulo Guedes através do aplicativo de mensagens Whatsapp. Guedes reclamaria do provável alto custo para a reconstrução da UFSC: “Esse tanto de Universidade pedindo verba, e agora mais isso, parece uma pandemia de gente pedindo esmola que caiu em cima da gente”. Fazendo uso de um palavrão, o ministro ainda teria exclamado: “Já tinha que ter vendido essa p...!”.



# **SEÇÃO ABERTA**

## **NSC e Notícias do Dia promovem uma campanha de difamação contra a UFSC**

Na quarta (03), um membro da APG recebeu pessoalmente mensagens da equipe do jornal Notícias do Dia (ND) solicitando a participação da entidade em uma matéria que trataria da “paralisação total” da UFSC. O contato foi feito **buscando o depoimento de estudantes que estão “preocupados com o andar da carruagem”, “a falta de ensino online” e com “medo de perder o ano”**. Ou seja, não procuravam saber qual era a opinião das(os) estudantes, buscavam somente aquelas que fortalecessem a narrativa sobre a universidade que já haviam decidido propagar.

Imediatamente respondemos que a universidade não está em paralisação total e que poderíamos falar sobre as importantes ações que a Universidade tem mantido em funcionamento, para além do ensino. Repassamos a **síntese das posições que temos defendido nos Comitês da UFSC**, mas ela não foi citada nas matérias do veículo. O ND não apenas não retratou a posição das entidades representativas, como abriu espaço em coluna para a **opinião individual de um estudante ultra-conservador** segundo o qual as(os) professoras(es) querem “férias fora de época”.

Argumentos como esse não são somente desrespeitosos com a comunidade universitária, mas com o povo catarinense em geral, pois, além de falaciosos, rebaixam uma discussão séria a um jogo medíocre e sensacionalista que só atrapalha a população, que quer e merece ter informações confiáveis para participar de forma adequada no debate público.

Ressaltamos aqui que a defesa de um debate democrático sobre as possibilidades das aulas remotas, uma análise adequada da situação atual das categorias estudantis, e a ponderação de todo o impacto negativo de exclusão e precarização da educação no modelo remoto emergencial, são reivindicações da APG UFSC, do DCE UFSC e de dezenas de Centros Acadêmicos, conforme divulgado na nota da campanha **“Nenhum estudante fica para trás”**.

A narrativa construída pelo ND, reforçada também por matérias da NSC (afiliada à Rede Globo), não representa o conjunto das(os) estudantes, mas representa muito bem o empresariado. Por exemplo, no

mesmo dia do contato com a APG (03), saiu no site do ND a matéria **“Entidades de classe voltam a criticar a paralisação das atividades na UFSC”**, que só é assinada por “Redação ND”. A “classe” a que se refere o título da matéria só pode ser a oligarquia empresarial de Santa Catarina. As “entidades” – que nada mais são do que empresas – que se organizam sob o nome de “Floripa Sustentável” compram espaço no debate público para defender seus lucros e seus projetos, vendendo seus interesses como a opinião de todos, forjando um falso consenso.

Não é a primeira nem a segunda matéria que ataca a Universidade e suas trabalhadoras veiculada na mídia empresarial catarinense durante a pandemia.

Nos últimos dois meses, a NSC e o ND disseram que **“professores da pós-graduação da UFSC querem aulas a distância, mas reitoria não permite”**; que os **“servidores ganham auxílios (...) pra ficar em casa”**; que a **“universidade pública optou em ser mais um centro de cidadania do que um centro de excelência”**; que a **“universidade está ausente”**; que a universidade **“não traça planos durante a pandemia”**; e ainda inventou o fake news de que **as aulas retornariam na semana passada**, sem nenhuma retratação.

Em várias delas, predominam pontos de vista do empresariado, sem relação direta com a Universidade. São poucas as matérias que abriram espaço para o contraditório e diversas delas chegaram a usar de mentiras e calúnias, como no caso do suposto retorno às aulas decidido para a semana passada ou dos auxílios que servidores estariam recebendo sem trabalhar. Uma verdadeira campanha contra a universidade pública, que atinge de forma similar com a Udesc.

Por isso, saudamos as iniciativas do **DCE, Sintufsc e Apufsc** em denunciar e criticar a postura que a mídia empresarial vem tomando em relação à UFSC. Apontamos, ainda, que desmentir e enfrentar essas narrativas é também uma tarefa da própria instituição, que precisa dialogar com toda a sociedade para mostrar que sua função social vai muito além das atividades de ensino.

Esses episódios só reforçam nossa compreensão e convicção de que a grande mídia tem seu lado e seu objetivo bem nítidos. Estes sempre estarão alinhados a quem lucra, aos patrões e elites catarinenses. Para esses setores, os serviços públicos serão sempre um problema, pois o que querem é privatizar ou de outro modo apropriar-se do patrimônio do

povo. Precisamos, mais do que nunca, fomentar e disseminar nossos próprios veículos de mídia, com o ponto de vista da classe trabalhadora e do conjunto dos oprimidos.

Orientamos, também, que a comunidade acadêmica e a população em geral fiquem atentas às posições das entidades representativas, que divulgam seus posicionamentos através de suas páginas e redes sociais.

**SERVIÇO PÚBLICO NÃO SE VENDE, SE DEFENDE!**

**VIVA AS MÍDIAS POPULARES!**

Associação de Pós-Graduandas e Pós-Graduandos da UFSC

08 de junho de 2020

**REABERTURA  
DOS  
SHOPPINGS**



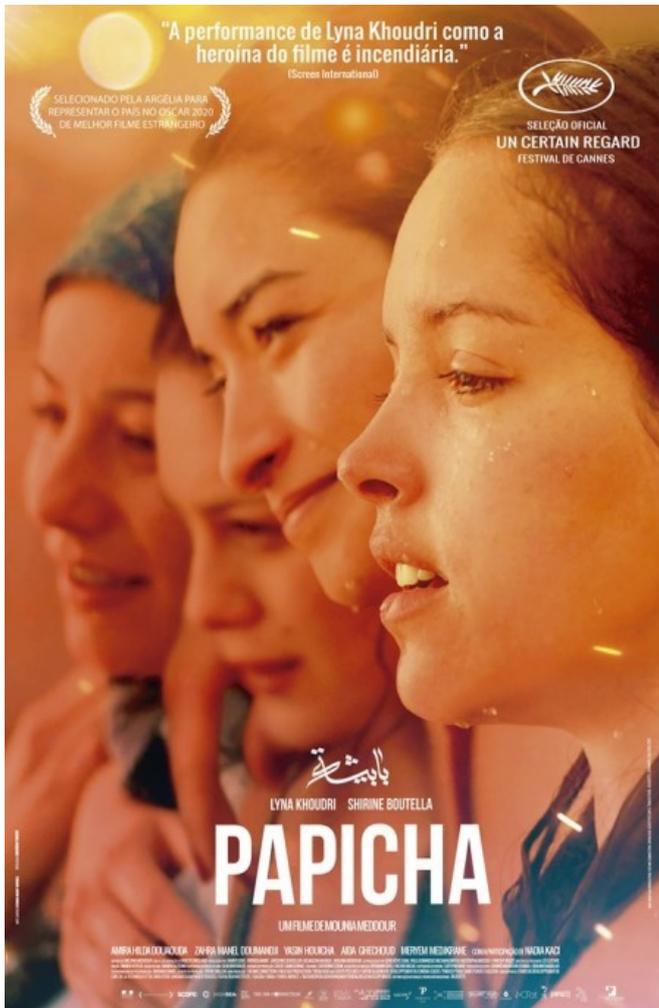
@malvados

## **O escândalo da MP que permitia a nomeação de interventores nas IFES**

- G1. [Bolsonaro edita MP que permite a Weintraub escolher reitores temporários da universidades federais durante a pandemia.](#)
- ANDES-SN. [Em novo ataque, Bolsonaro intervém na escolha de reitores nas IFES durante a Pandemia.](#)
- Senado Federal. [Oposição pede devolução de Mp sobre escolha de reitores.](#)
- Agência Brasil. [Alcolumbre devolve ao Planalto MP sobre escolha de reitor na pandemia.](#)
- Correio Braziliense. [Bolsonaro anula MP que deixava Weintraub escolher reitores em universidades.](#)

## **Giorgio Agamben. Réquiem para os estudantes.**

“Bem mais decisivo no que se está sucedendo é algo de que significativamente não se fala em absoluto, a saber, o **fim do estudantado** como forma de vida. As universidades nasceram na **Europa** a partir de associações de estudantes – **universitates** –, e devem a estas o seu nome. Aquela do estudante, a saber, era antes de tudo uma forma de vida em que certamente era determinante o estudo e a escuta das lições, mas não menos importantes eram o encontro e a contínua troca com os demais **scholarii**, que frequentemente vinham dos lugares mais remotos e se reuniam em **nationes** de acordo com o lugar de origem. Essa forma de vida evoluiu de diversos modos ao longo dos séculos, mas era constante, desde os clerici vagantes do medievo aos movimentos estudantis do século XX, a dimensão social do fenômeno. Quem quer que tenha ensinado em uma **aula universitária** sabe bem como, por assim dizer, sob seus olhos se formavam as amizades e se constituíam, conforme os interesses culturais e políticos, pequenos grupos de estudo e de pesquisa, que continuavam a se encontrar mesmo depois do **fim da aula**. [...]”.



Alessandra Jungs de Almeida, para o Le Monde Diplomatique Brasil. Autoritarismo e ceticismo. Papicha: resistência, criação e redirecionamento da libido.

“A discussão sobre resistência e redirecionamento da libido pode parecer absurda quando frente ao autoritarismo e ceticismo científico bolsonarista. Mas cientes disso, e entre outras coisas, para resistir é necessário ser Papicha.

[...]

O longa, que se passa nos anos 1990, durante a guerra civil argelina, é também um filme sobre resistência, sobre mulheres que se mantêm firmes enquanto desmoronam os caminhos conhecidos. Nesse contexto, Papicha é um filme feminista. Nele, as mulheres, além de reivindicarem o próprio corpo frente à violência dos grupos armados, dizem “não”. Não ao casamento por um visto francês, não ao trancafiamento feminino, não a violência do namorado, aos homens que importunam na rua e a trocas de favores por sexo. Tudo isso, evidentemente, com um custo doloroso para as mulheres do filme, que, ao mesmo tempo, ressignificam constantemente a própria existência nessas situações opressivas. Elas (re)existem “sendo Papicha”, a partir da criatividade, da organização e do afeto.”

## **Mudança na composição e modelo de escolha das entidades civis para a escolha de conselheiras do Conselho Nacional de Educação - CNE (Portaria nº 492, de 21 de maio de 2020, MEC)**

O essencial: O Ministério da Educação alterou a lista de entidades que podem indicar até três representantes para o Conselho Nacional de Educação (CNE). A lista tríplice garante participação dos indicados na CEB (Câmara de Educação Básica) e na CES (Câmara de Educação Superior), braços internos do CNE. São 54 entidades ao todo. Na última lista definida pelo governo federal, ainda no governo Michel Temer, eram 45 as entidades que poderiam indicar nomes para esses fóruns. Das nove inclusões, sete representam associações e outras entidades que representam interesses de escolas e faculdades particulares. Entre elas, a Associação Brasileira das Mantenedoras das Faculdades (ABRAFI), a Associação Brasileira das Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), a Federação Nacional das Escolas Particulares (FENEP) e os sindicatos das mantenedoras de faculdades privadas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. A conferir como isso irá influenciar decisões futuras do Conselho Nacional de Educação.

Outros pontos importantes que vale a pena você saber: Além dessa enxurrada de representantes do ensino privado, foram também incluídos representantes da Associação Brasileira dos Estudantes de Educação a Distância e, mais destacadamente, a ANED (Associação Nacional de Educação Domiciliar). A inclusão desta associação, que defende os direitos dos pais educarem os filhos em casa, é mais uma ação do governo Bolsonaro para regulamentar esse modelo de ensino. Em abril de 2019, o governo enviou ao Congresso um projeto de lei para autorizar o “homeschooling” no Brasil. O texto está com tramitação lenta na Câmara. Em setembro de 2018 o STF (Supremo Tribunal Federal) rejeitou recurso que pedia o reconhecimento da educação domiciliar justamente por não existir lei específica para essa prática.

## **Verdade ou consequência: o que a APG defende frente à pandemia?**

Desde nossa participação na sessão de Câmara de Pós-Graduação do dia 27, temos recebido diversos questionamentos à posição da APG que não condizem com aquilo que defendemos e levamos como propostas na reunião. Infelizmente, as sessões da CPG não são transmitidas como as sessões do Conselho Universitário, o que permitiria que o conjunto da comunidade universitária acompanhasse as posições docentes e discentes apresentadas na ocasião. Sendo assim, trazemos aqui algumas respostas que sintetizam as posições que defendemos neste momento.

### **A APG defende o cancelamento do semestre?**

Não, pois aparentemente essa medida teria consequências legais ruins para os/as estudantes, podendo afetar “[colações de grau, pagamento de bolsas, apresentações de TCCs](#)” já realizadas. No entanto, entendemos a demanda por respostas em tempo oportuno, que permitam a estudantes e docentes se organizarem, planejarem suas vidas, para qualquer decisão que for tomada. Defendemos que não haja qualquer retorno sem aviso com prazo de antecedência razoável. Por isso, [temos considerado que](#), antes de julho, no mínimo, não deve haver retorno e que toda a comunidade seja informada com prazos maiores.

### **A APG é contra EAD?**

Não. A discussão que ocorreu na sessão da CPG não discutia a modalidade EAD, que tem regulamentação própria, mas a abertura para ensino remoto emergencial na pós-graduação da UFSC durante a pandemia.

### **O que a APG defendeu na reunião da Câmara de Pós-Graduação?**

Propusemos pequenas alterações e defendemos um parecer que permitiria atividades remotas, mas desde que satisfeitas certas condições. Diante do terrível cenário pandêmico, que deve continuar ainda por vários meses, defendemos decisões de forma horizontal, junto à totalidade da comunidade acadêmica. Defendemos, assim, que seja realizado um levantamento amplo para discutir quaisquer estratégias de retorno de maneira responsável, prudente e inclusiva para todas e todos.

Não se trata de “ensino remoto” x “fazer nada”,

mas de opor um ensino remoto às cegas e despreparado, que potencialmente aprofunda desigualdades e prejudica a vida de várias/os estudantes, e um que seja planejado de maneira respeitosa e cuidadosa. Uma vez que a pandemia ainda estará conosco por um longo tempo, não devemos nos pautar pela pressa, mas sim pelo cuidado com todos os sujeitos que constroem nossa universidade.

### **A decisão da CPG foi democrática?**

[Consideramos que não](#). Apesar de já termos visto outras propostas anteriormente, a minuta tal como foi aprovada foi apresentada pela primeira vez na própria reunião, que ainda teve a pauta realizada em caráter de urgência. Por isso, mesmo pedindo vistas, tivemos que apresentar nosso parecer na mesma reunião. Os professores que construíram o parecer substituto já tinham os votos contados para aprovar sua versão e propuseram que ela fosse votada antes mesmo de apresentarmos nossas sugestões. O resultado disso é que a CPG aprovou um documento passando por cima das discussões em andamento no Comitê de Combate à Covid da UFSC.

[...]

### **O que a APG propõe que a UFSC faça agora?**

Sobre a decisão da CPG, propusemos que a minuta seja debatida no Conselho Universitário antes de ser publicada. No CUn do dia 29/05, o Reitor Ubaldo se comprometeu com esse pedido. Fora isso, temos insistido pela realização de um bom mapeamento das nossas condições estudantis em meio a essa pandemia para que sejam identificadas as limitações e problemas de possíveis atividades remotas, que precisam ser resolvidas antes de qualquer decisão final. Além disso, outras demandas estudantis têm sido levadas aos Conselhos e Comitês, como apresentamos [aqui](#).

### **O que as estudantes podem fazer frente a essa situação?**

É importante que a categoria da pós-graduação esteja cada vez mais organizada, seja junto à APG ou através das assembleias estudantis de cada programa, para acompanhar as decisões da Universidade, formular suas propostas e fazer valer os seus direitos. Em relação ao ensino remoto, especificamente, é fundamental que a gente consiga acompanhar e questionar em cada Colegiado tentativas de adesão de forma atropelada.

## **Centrão segue crescendo os olhos na educação nacional, dessa vez no transporte escolar, por meio de novos critérios de assistência financeira, vinculada a emendas parlamentares (Resolução nº 8, de 20 de maio de 2020, MEC)**

O essencial: O Ministério da Educação abriu uma brecha bastante significativa para a transferência de recursos federais por meio de emendas parlamentares para fortalecer o transporte escolar em municípios de todo o Brasil. Cada município pode receber valores até um determinado teto, que é definido por um valor per capita estabelecido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) multiplicado pelo número de alunos matriculados em escolas públicas e que utilizam o transporte escolar. O que portaria publicada nesta semana faz é permitir que esse teto seja estourado quando se tratar de repasses patrocinados por deputados federais, senadores e bancadas parlamentares. Aquele valor usualmente utilizado pelo FNDE deverá ser multiplicado por quatro quando o repasse ocorrer via emenda parlamentar. Esse valor per capita varia, conforme o município, na faixa entre R\$ 140 e R\$ 200, mas nesse caso deverá ser usado o maior entre os valores per capita. Ou seja, com a mudança, um pedido de parlamentar poderá elevar esse repasse, por aluno que utiliza o transporte escolar, para cerca R\$ 800. A medida tende a ser uma ajuda e tanto para deputados federais e senadores em ano eleitoral.

Um pouco de contexto: o MEC alterou recentemente as regras do programa e passou a permitir que estudantes residentes nas áreas urbanas das cidades também possam ser beneficiados com a ação, desde que não prejudiquem o deslocamento de alunos que vivem no campo. Em outra frente e em ação recente a pasta de Abraham Weintraub retirou as emendas das novas regras de transferência para a educação básica por meio do PAR (Plano de Ações Articuladas). Essas duas brechas em potencial são completadas por outra ação do Governo Federal, mas do Ministério da Cidadania. O envio de dinheiro para segurança alimentar durante a pandemia também está liberada por meio de emendas do Legislativo.

Esse pacote de “liberdades” pode sugerir um caminho aberto para novas alianças políticas que estão sendo negociadas pela gestão Bolsonaro com o Centrão para tentar barrar qualquer iniciativa de impedimento do presidente no Congresso Nacional. No caso do FNDE, isso fica ainda mais claro, já que dois cargos importantes na estrutura do fundo já foram garantidos para indicados pelo Centrão.

---

- **Istoé (capa).** [O serviço secreto pessoal do presidente.](#) “Bolsonaro montou um serviço secreto pessoal de informações para proteger seus filhos, parentes e amigos e que conta com relatos diários de integrantes da milícia do Rio de Janeiro. Esse núcleo clandestino recebe informes também de policiais civis, militares e federais de todo o Brasil, alinhados com sua doutrina de extrema direita. A estrutura ilegal funciona como uma Abin paralela, e é típica de governos autoritários, como aconteceu na Alemanha de Adolf Hitler, que montou a Gestapo e a SS para a sua proteção pessoal e ataque aos inimigos. Paralelamente ao seu serviço secreto particular, Bolsonaro está agora aparelhando a PF, com o objetivo de unir a estrutura dos órgãos oficiais (Abin, PF e GSI) ao sistema ilegal, que atua nos subterrâneos da política: a ideia é ter os dois grupos integrados na defesa de seus interesses pessoais, e, ao mesmo tempo, perseguir os adversários. [...]”

- **Folha Impacto.** [“Basta!”: Juristas compram página inteira da Folha e do Estadão para](#)

[Divulgar manifesto contra Bolsonaro.](#)

- **Carta Maior.** [As falácias da Educação à Distância se alastram com \(e como\) o COVID19.](#)

- **O Globo.** [Por trás dos números do coronavírus: vinte mil Josés, Marias, Mônicas que deixam saudades.](#)

- **Câmara dos Deputados.** [MP que mudava eleição de reitores de universidades federais perde a validade.](#)

- **Carta Maior.** [Universidades públicas, aulas remotas e os desafios da ameaça neofascista no Brasil: notas para ações táticas emergenciais.](#)

- **UFSC à Esquerda.** [Onde estão as entidades estudantis da UFSC?](#)

- **Encrypta.** [CriptoGoma: a CriptoFesta edição casinha.](#) “Acreditando que trocas de conhecimento e experiências sobre tecnologia e política, privacidade, software livre, cultura e segurança na internet são necessárias, se torna imperativo promover um encontro sobre a temática - mesmo que seja cada da sua casa. Por isso, anunciamos a **CriptoGoma**, a criptofesta edição casinha.”



Associação de  
Pós-Graduandos da  
Universidade Federal  
de Santa Catarina

